

Do consumo as apropriações: o uso de *smartphones* por estudantes do ensino médio em Cuiabá

*Jaqueline da Silva Pereira*¹

Resumo

O presente artigo² objetiva analisar o uso e consumo de *smartphones* por estudantes do ensino médio. A metodologia consistiu em observações com descrições em diário de campo de um grupo do 2º ano do ensino médio de uma escola pública de Cuiabá e aplicação de questionários aos estudantes. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas aos professores que ministravam as aulas observadas. A lei estadual 10.232 de Dezembro de 2014 proíbe o uso de aparelhos eletrônicos exceto para fins pedagógicos, porém não foi identificado na escola um projeto voltado para o uso das mesmas. Os usos do *smartphone* para atividades de aula partem de atitudes autônomas dos estudantes. Conclui-se que o *smartphone* faz parte da rotina dos estudantes na escola assim como é fora dela, porém existe uma dissonância entre a instituição educacional com práticas pedagógicas tradicionais e as apropriações que os adolescentes fazem dessa tecnologia em sala de aula.

Palavras-chave: *Smartphone em sala de aula; Smartphone e estudantes; Consumo de smartphones.*

Introdução

Atualmente o *smartphone* (celular inteligente) está extensivamente inserido no cotidiano da sociedade contemporânea. O aparelho de telefone celular com múltiplas

¹ Graduanda do 6º semestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso. Bolsista PIBID/Capes-UFMT. Orientador: Profº Drº Francisco Xavier Freire Rodrigues (Departamento de Sociologia e Ciência Política-UFMT)

² Este artigo consiste de informações da pesquisa que está sendo desenvolvida para monografia de conclusão do curso de graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso.

funções é um bem de consumo ampliado, já que seu valor de aquisição ou mesmo as variadas formas de pagamento estão acessíveis a diversas camadas socioeconômicas.

O barateamento e ampliação do consumo desse bem trouxeram como consequência um aumento significativo do seu uso em diversos espaços de convívio social. Logo é necessário compreender os estudantes objeto da pesquisa, como indivíduos importantes dessa realidade. O grupo objeto desta análise está inserido na faixa etária entre 15 e 19 anos e foram identificados como notórios consumidores de *smartphones* e usuários de suas diversas funcionalidades.

Deste modo entende-se por *smartphone*, os aparelhos celulares com modelos de terceira geração, conforme destaca Martin (2014, p.44) em sua dissertação:

A passagem do 2G para o 3G originou o aparecimento de aparelhos mais versáteis, leves, com baterias mais duráveis e com grande número de funcionalidades. Denominada *smartphone* (celular inteligente), essa nova geração de aparelhos converge para si as inovações das indústrias de microchips, da informática, do audiovisual, da comunicação via satélite, possibilitando a incorporação de ferramentas como câmera digital de vídeo e de foto, rádio, relógio, cronometro, calculadora, jogos, acesso à *web*, incorporação de sistemas de localização como o Sistema de Posicionamento Global (GPS), comunicação móvel sem fio, conhecida como *Wi-Fi (Wireless Fidelity)*, garantindo espaços de armazenamento de dados memória interna e externa cada vez maior.

Cabe salientar que atualmente já existem aparelhos de tecnologia 4G (4ª geração), que possibilitam serviços de transmissão de dados com velocidades mais elevadas que os da geração anterior.

O *smartphone* pode ser considerado um computador portátil conectado. O atual computador conectado é uma evolução do computador pessoal criado pela microinformática ainda na década de 70. Os meios de comunicação digitais foram aos poucos ocupando o espaço que antes era exclusivo das mídias de massa.

O que chamamos de novas tecnologias de comunicação e da informação surge a partir de 1975 com a fusão das telecomunicações analógicas com a informática, possibilitando a veiculação, sob um mesmo suporte - o computador -, de diversas formatações de mensagens. Esta revolução digital implica, progressivamente na passagem do *mass media* (cujos símbolos são a TV, o rádio, a imprensa, o cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação. Aqui a circulação de informações não obedece à hierarquia da árvore (um - todos), e sim da multiplicidade do rizoma (todos - todos) (Lemos, 2010, p.68).

O autor irá ainda defender a tese de Maffesoli (1987) que o advento de tecnologias que foram apropriadas pela sociedade contemporânea, não criou um isolamento entre as pessoas, como alguns supunham, pelo contrário, surgiram novas formas de agrupamentos, de trocas e de tribos.

Através das inúmeras formas de tribalismo contemporâneo, a organização da sociedade cede lugar, pouco a pouco, à organicidade da sociabilidade, agora tribal e não mais racional ou contratual. Se na modernidade, afirma Maffesoli, o indivíduo tinha uma função, a pessoa (*persona*) pós-moderna tem um papel, mesmo que efêmero, hedonista ou cínico (Lemos, 2010, p.85).

Esse agrupamento contemporâneo foi identificado em relação ao uso do *smartphone* em sala de aula pelos estudantes. Por isso é importante pensar o uso dessa tecnologia, além do objeto, mas sim em relação aos aplicativos e ferramentas que ele suporta. É preciso pensar o uso como troca de experiências e informações entre eles. O consumo, para os estudantes está além da máquina pela máquina, mas é a possibilidade de vivenciar suas possibilidades de forma privada ou coletiva.

Estudos que abordam o tema do celular na escola são majoritariamente das áreas da Educação e Comunicação e tem como foco principal discutir as potencialidades do uso das TIC (Tecnologia da informação e da comunicação) como recurso pedagógico, tais como os desenvolvidos pelos pesquisadores (Assis, 2013; Bento, 2013; Pauly, Vivian 2012; Martin, 2014; Ramos, 2012; Souza, 2013; Thoaldo, 2010). Estas análises serão importantes referências de suporte para esta pesquisa, que visa desenvolver um estudo das motivações e propósitos dos estudantes ao fazerem uso recorrente do *smartphone* em sala de aula. E também da relação deles com este bem de consumo através das contribuições de (Barbosa, 2004; Canclini, 2005; Luiz, G. Luiz, K. 2012; Pereira, Silva, 2014; Silva 2007).

Em relação à metodologia utilizada na pesquisa, decidiu-se pelo método qualitativo com procedimentos intelectuais e técnicos inerentes a pesquisa social. Segundo Gil (2008) o objetivo fundamental desse tipo de pesquisa é utilizar a metodologia científica para obter novos conhecimentos no campo da realidade social. Nesse sentido, foi realizada pesquisa de campo com observação e descrição em diário, de seis aulas de Matemática e seis aulas de Sociologia, totalizadas num período de seis semanas. As informações obtidas na pesquisa trarão também dados quantitativos do questionário aplicado aos estudantes e dos eventos relativos ao uso do *smartphone* observados em sala de aula.

O grupo observado é composto por 25 estudantes do 2º ano do ensino médio de uma escola pública situada em Cuiabá, sendo 16 indivíduos do sexo feminino e 9 do sexo masculino. Desta totalidade, apenas duas adolescentes declararam não possuir *smartphone*. Logo, as informações do artigo são referentes ao universo de 23 estudantes. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dois professores que ministram as aulas onde sucederam as observações. Em cada entrevista com média de 30 minutos, foi possível obter a opinião dos docentes sobre o uso do *smartphone* em sala de aula, de como compreendem a partir da posição de educadores esse objeto de consumo na rotina dos estudantes e quais suas opiniões quanto às proibições e inserções do *smartphone* nas aulas.

A aplicação do questionário aos estudantes, objetiva identificar as finalidades e motivações do uso do *smartphone* em sala de aula, fazendo também um paralelo com os fatos observados em campo. Além disso, visa verificar o valor médio dos aparelhos, como foram adquiridos e se sentem constrangimento quanto a proibição do uso em sala de aula.

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (...) As respostas a essas questões é que irão proporcionar os dados requeridos para descrever as características da população pesquisada ou testar as hipóteses que foram construídas durante o planejamento da pesquisa (Gil, 2008, p.121).

É importante compreender que o uso e o consumo do *smartphone* não é apenas uma necessidade ou vontade individual, eles perpassam as interações e identidades entre esses estudantes e que, além disso, os mesmos são considerados “nativos digitais”, ou seja, fazem parte da geração que nasceu inclusive na era da *internet*, vídeo *games*, celulares entre outros.

O conceito de consumo compartilhado nesta pesquisa compreende conforme Canclini (2005) e Silva (2007) que o consumidor não está altamente vulnerável às leis da propaganda e publicidade, mas interpreta apropriação dos bens como um ato vinculado à coletividade pertencente, que tais objetos fazem parte de convenções culturais por eles criadas.

Canclini (2005) define o ato de consumir e o desejo não como um impulso individual, irracional e no “escuro”. Para esse autor o consumidor como cidadão experimenta as variadas oportunidades destes objetos, seus simbolismos e as situações que

irão permitir o encontro com outras pessoas, logo ele não está inerte às supostas imposições do mercado.

Para Barbosa (2004) é necessário analisar o consumo no Brasil não apenas por perdas e ausências, é importante também enfatizar os ganhos e mudanças positivas em grupos sociais ou mesmo nas melhoras de padrão de vida. Para a autora é preciso desvincular a noção automática de consumo com temas pejorativos como materialismo, exclusão, individualismo, hedonismo, lassidão moral, falta de autenticidade, desagregação dos laços sociais e decadência tão associados ao consumo desde o início do século XVII e que continuam ocorrendo nas discussões, que inclusive dificultam e misturam conceituação e análise sociológica com moralidade e crítica social.

Consumo e apropriações do smartphone

O *smartphone*, conforme já foi destacado é um “mini” computador portátil conectado, onde pessoas se comunicam por aplicativos de mensagens instantâneas, utilizam *e-mail*, acessam ao banco, pagam contas, visualizam redes sociais, fazem registros através da câmera fotográfica, ouvem música, lêem livros etc. As possibilidades são inúmeras e aumentam quanto mais complexas forem às capacidades do modelo do aparelho.

De acordo com estudo realizado pela IDC (*Internacional Data Corporation*) no Brasil, no ano de 2014 o país atingiu 54 milhões de *smartphones*, representando 76,1% dos aparelhos celulares comercializados. Em Maio de 2015 os *smartphones* já representavam 94,4% do mercado total de telefones celulares³.

As particularidades do uso do *smartphone* no cotidiano estão altamente relacionadas com sua característica ubíqua, ou seja, de ser onipresente de poder estar em todo e qualquer lugar.

Esse deslocamento na visão espaço-tempo ocorre, pela mobilidade do celular, e devido aos avanços da tecnologia, que possibilitaram agregar novas funções e serviços aos aparelhos, destacando a conectividade, o estabelecimento de uma comunicação e obtenção de informações em qualquer lugar sempre disponível e acessível, desde que de posse de um celular, devidamente conectado, carregado e com créditos (Abonizio; Fonseca, 2010, p.9).

³ Fonte: Teleco. Vendas de *Smartphone* no Brasil. Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/smartphone.asp>> Acesso em: 07 Ago. 2015.

No trabalho de campo, foi possível observar que nos percursos entre pátio e sala de aula vários estudantes estavam manuseando seus *smartphones* ou com os fones conectados entre os aparelhos e ouvidos. Já em sala de aula foi identificado que a maioria dos estudantes ao utilizar o mesmo procura meios de não serem surpreendidos pelo professor. As estratégias para disfarçar o uso do *smartphone* são: manusear dentro da mochila ou bolsa, por trás das bolsas e mochilas que se encontram acima da mesa ou mesmo com as mãos abaixo da mesa e existem alguns casos do uso do fone de ouvido disfarçado pelo uso do capuz do moletom, que alguns estudantes utilizam pelo fato da sala ter condicionadores de ar e não se tornar algo desconfortável.

Existe também, em menor quantidade, o uso explícito do *smartphone*, ora durante a aula, ora durante as pausas de aula, sendo possível inclusive observar qual a finalidade do seu uso.

O resultado das anotações traz como evidência o fato de que em todas as aulas observadas houve o uso do *smartphone*. Sendo que na mesma aula o estudante pôde fazer uso com o mesmo objetivo mais de uma vez ou para outros fins.

Tabela 1

Uso do <i>smartphone</i> em sala de aula		
Tipo de evento	Quantidade	Porcentagem
Manuseio com fim não identificável	51	52,04%
Manuseio com fim relacionado à aula	10	10,2%
Jogo	5	5,1%
Música/Fone de ouvido	10	10,2%
Visualização de Vídeo	2	2,04%
Whatsapp	5	5,1%
Visualização de foto	4	4,08%
<i>Selfie</i> (auto-retrato)	2	2,04%
Recebimento de ligação	5	5,1%
Uso da câmera frontal como espelho	4	4,08%
Total de eventos	98	

Fonte: Anotações diário de campo. Abri/Mai (2015).

Durante as observações, foi possível identificar e descrever em diário de campo 98 ocorrências quanto ao uso do *smartphone* em sala de aula. Sendo que os eventos referentes ao manuseio não identificável, ocultado, representam 52,04%. Já o uso para fins

relacionados à aula, como gravação de vídeo de atividade, uso da calculadora, uso do cronômetro e fotografia de exercício no quadro, somam 10,2%, percentual que também equivale ao uso com finalidade de ouvir música. Conforme tabela acima, a execução de aplicativos de jogos troca de mensagens no *whatsapp* e recebimentos de ligações possuem números idênticos, 5,1% cada um deles. O uso da câmera frontal do *smartphone* para se olhar como no espelho, é uma apropriação com adaptação e uso principalmente das estudantes e relaciona-se a 4,08% dos acontecimentos. A visualização de fotos também representa 4,08% do total. Enquanto fazer *selfie* e visualizar vídeos retrata 2,04% cada uma delas da totalidade das ocorrências.

Levando em consideração os números descritos, o manuseio do *smartphone* com fim não identificável é 4,1% maior que a soma de todos os outros eventos.

Apesar da heterogeneidade do ambiente escolar, é possível visualizar uma regularidade em relação aos eventos relativos ao uso do *smartphone* sem sala de aula pelos estudantes. O uso muitas vezes não é individualizado, ocorrem situações que os estudantes mostram uma mensagem para outro, uma foto, um vídeo, se empresta o celular para o colega jogar, usar a calculadora ou a câmera.

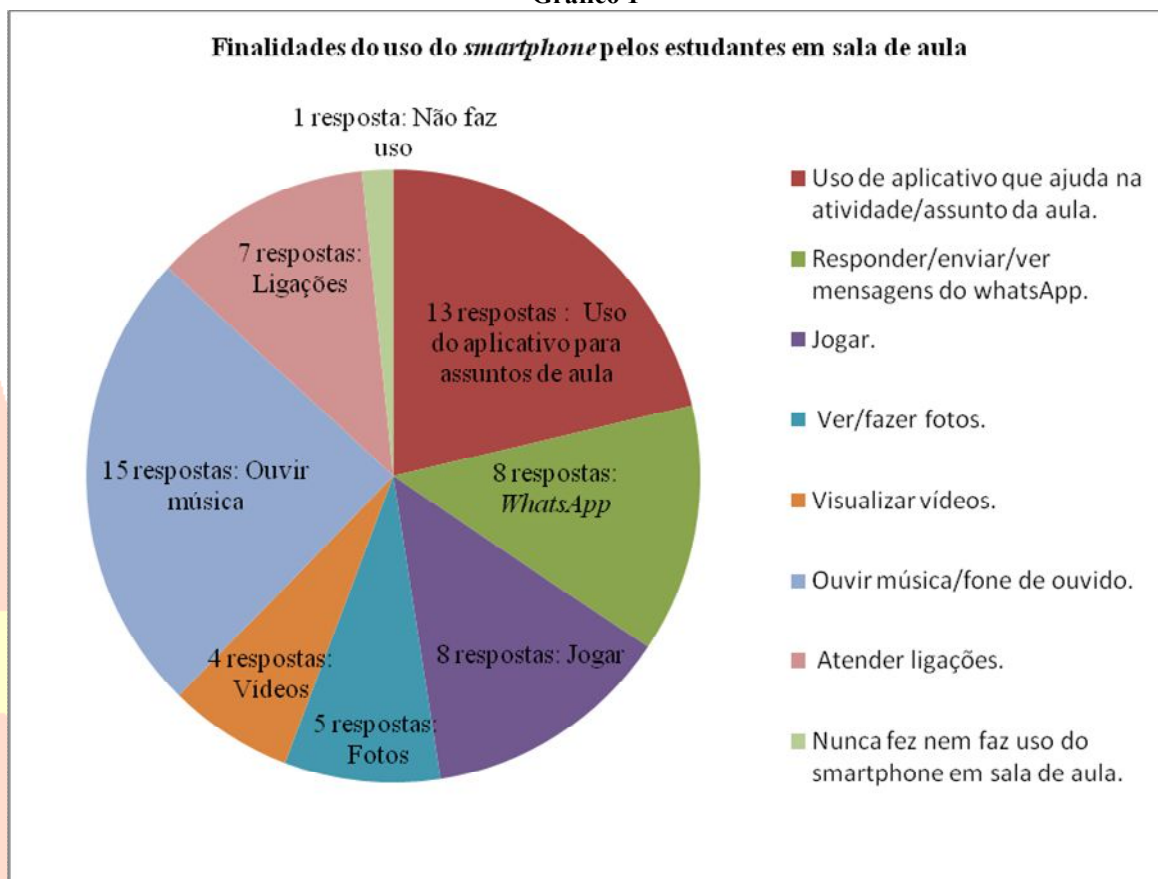
Os estudantes compartilham entre si os mesmos interesses em relação ao uso e ao consumo do *smartphone*. Dialogam em sala de aula sobre a “capinha” do celular, sobre as fotos que o outro compartilhou no *whatsapp* (aplicativo de trocas de mensagens instantâneas), sobre a dificuldade de instalar algum aplicativo, sobre o plano de internet móvel, sobre como se faz para avançar num jogo e etc.

A proibição do uso de celulares em sala de aula é comumente condicional. O estado de Mato Grosso no final do ano de 2014 aprovou a lei 10 232, que proíbe o uso de aparelhos eletrônicos em sala de aula, nas escolas fundamentais e médias, exceto para fins pedagógicos. Sendo que se compreende como aparelhos eletrônicos, celular, *MP3*, *MP4*, *IPOD*, *notebooks*, *smartphones*, câmeras digitais, *tablets* e outros.⁴ Porém, vale salientar que o texto não traz justificativa para sanção da lei.

⁴ Fonte: Diário oficial de Mato Grosso. Disponível em: <<https://www.iomat.mt.gov.br/portal/>> Acesso em: 30 Jan. 2015.

Assis (2013), afirma que não existem regras que normatizem o bom senso para uso de aparelhos como celulares, *tablets* e *laptops* no dia a dia, desafiando as normas e a etiqueta. Então apesar de úteis, eles trazem grandes desafios à educação formal, principalmente nas escolas públicas.

Gráfico 1



Fonte: Dados questionário aplicado aos estudantes. Jul. 2015.

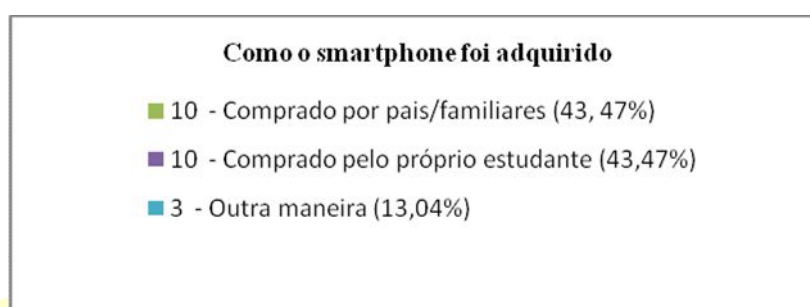
As informações do gráfico acima se referem às respostas que estudantes deram sobre as finalidades do uso do *smartphone* em sala de aula. Sendo que poderiam assinalar mais de uma opção. As formas de uso que aparecem em maior quantidade nas respostas dadas são ouvir música com fone de ouvido, 15 vezes e o uso de aplicativo que auxilie em atividade de aula aparece em 13 alternativas assinaladas.

Segundo (Luiz G.; Luiz K. 2012) esses aparelhos multi funções vão oferecer recursos além da comunicação, como acesso a internet, câmera fotográfica, jogos entre outros, além de ser um meio dos pais localizarem e controlarem seus filhos.

Os estudantes foram questionados se o uso do *smartphone* em sala pode atrapalhar nas aulas. Para 60,89% deles, o uso pode sim atrapalhar, enquanto 34,78% afirmam que não atrapalha e apenas 4,34% disse não saber⁵.

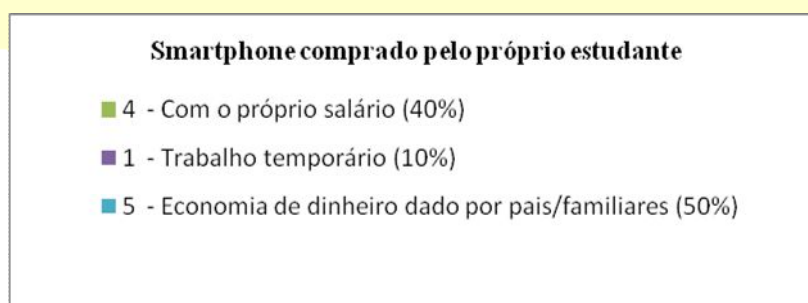
Para Calligaris (2000), os adolescentes estão sempre em busca de dispensar a proteção dos adultos. Estes vão então se reunir em grupos, mais ou menos fechados, tendo como característica primordial se mostrar com identidade própria, diferenciando-se de outros grupos e do mundo dos adultos. Os adolescentes por assim se organizarem acabam por se tornar um público de consumidores ideais e claramente definidos.

Quadro 1



Fonte: Dados questionário aplicado aos estudantes. Jul.2015.

Quadro 2

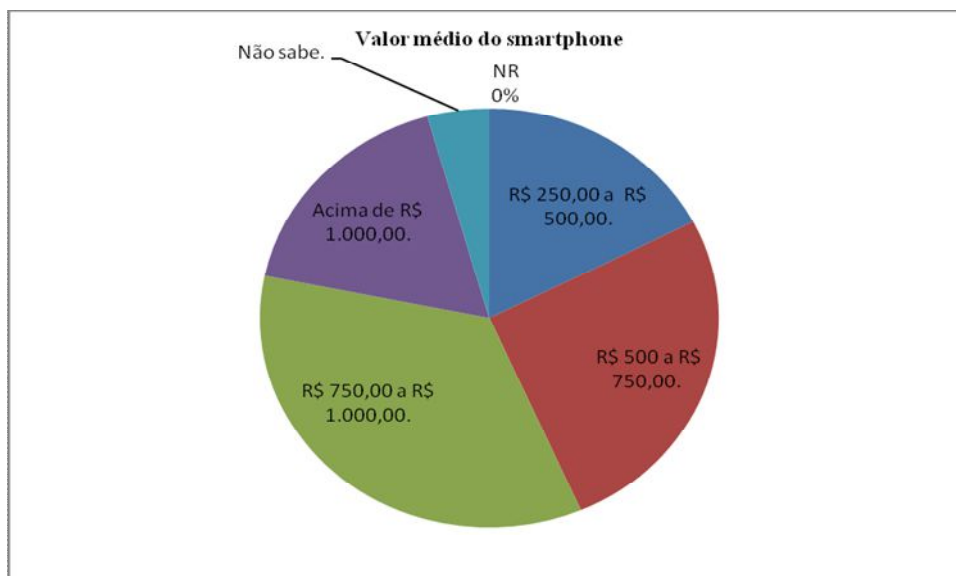


Fonte: Dados questionário aplicado aos estudantes. Jul. 2015.

Interpretando as informações dos quadros acima, é possível afirmar que pais e familiares estão envolvidos em 65,21% das compras dos *smartphones* que os estudantes utilizam. Seja por interesse de controle dos seus pais e familiares, seja pelo desejo de explorarem suas variadas possibilidades, o *smartphone* está inserido à rotina dos estudantes.

⁵ 60,89% correspondem a 14 estudantes; 34,78% a 8 estudantes e 4,34% a 1 estudante. Fonte: Dados questionário aplicado em Jul. 2015.

Gráfico 2



Fonte: Dados questionário aplicado aos estudantes. Jul. 2015.

Conforme dados obtidos nos questionários e ilustrado no gráfico acima, 34,78% dos estudantes possuem *smartphone* de R\$ 750,00 a R\$ 1.000,00, enquanto 26,08% possuem aparelhos com valores entre R\$ 500,00 e R\$ 750,00. Já os *smartphones* de R\$ 250,00 a R\$ 500,00 e aqueles acima de 1.000,00 representam igualmente 17,39% dos aparelhos. Apenas uma estudante declarou não saber o valor do seu *smartphone*, representando 4,34% do total.

No final de 2014 foi realizado um pré campo para construção do projeto de pesquisa, onde um docente do ensino médio de outra escola pública de Cuiabá informou que a maioria dos estudantes possui *smartphone*, alguns de valores elevados. Em sua opinião, os pais desejam que seus filhos possuam uma condição que no passado não puderam ter, e que se endividam para adquirir esses bens de consumo. Diante disso, o professor coloca que ao se importarem em comprar aquilo que os filhos desejam, os pais se esquecem da necessidade de participar da vida escolar dos filhos.

Potencial pedagógico

Bento (2013), Souza (2013) e Thoaldo (2010) propõem o uso das tecnologias em sala de aula como instrumento pedagógico. Os autores colocam que a crescente evolução e

popularização de equipamentos de comunicação móvel, como o celular, lançam um desafio aos educadores de se adequar ao uso dos mesmos e a estarem preparados a mediar a utilização dos objetos tecnológicos como ferramenta de aprendizado. Para esses autores, a tecnologia é um item motivador e o estudante deve ser convidado a interagir nos processos de ensino e aprendizagem.

Durante as observações de campo, o uso do *smartphone* para fim pedagógico esteve associado ao uso da calculadora, uso da câmera para fotografar o conteúdo do quadro, caderno de um colega ou do livro didático do professor. Sendo que essas opções de uso partiram da iniciativa dos próprios estudantes.

A forma como os jovens aderem e se apropriam da tecnologia e da telefonia móvel além de proporcionar um maior controle e segurança para os mesmos, contribui para a construção de sua própria cultura por meio da diferenciação dos adultos, principalmente dos seus pais (Castells *et al*, 2007 *apud* Pereira; Silva, 2014).

As abordagens sobre o uso do celular na escola estão em sua maioria amparadas por teorias pedagógicas de inserção de novas tecnologias em aula, com o objetivo de tornarem as mesmas mais atraentes e menos expositivas. Portanto, muitos desses trabalhos explanam sobre as potencialidades da câmera, vídeo, pesquisa, internet entre outros, presentes no celular. E ainda advertem que o uso de laboratórios de informática não deve servir apenas para aprender a usar o computador e seus programas, mas que professores de diversas disciplinas devem criar aulas possíveis a este espaço, muitas vezes pouco explorados nas escolas, ora por problemas estruturais, ora por falta de qualificação dos educadores.

Pauly e Vivian (2012) observam que os educadores que defendem o uso do celular em sala de aula, possuem uma visão mais otimista, já que a escola pública sempre sofreu da deficiência de recursos tecnológicos e agora muitos alunos estão com eles em mãos e isso deveria ser explorado em favor do ensino. Os autores ainda atentam para fato de muitos estados do Brasil já possuírem leis que proíbem o uso dos celulares em sala de aula, reafirmando a idéia de que as maiorias, inclusive alguns educadores, vêem mais aspectos negativos que positivos no uso dos aparelhos celulares em sala de aula. Porém deve-se entender que muitos profissionais criam barreiras para o uso de tecnologias e mesmo com acesso a elas, continuarão a ministrar aulas sem inovação. Logo tais práticas não devem ser impostas aos professores, mas eles devem compreender essa necessidade e seus resultados.

Segundo Moura (2010, *apud* Martin 2014) a proibição não deixará de ter sentido enquanto os professores não encontrarem estratégias para o uso dos dispositivos em práticas pedagógicas. O celular não deve substituir outros meios de aprendizado, mas ser integrado a eles, já que faz parte de uma cultura social. Porém incluí-lo no aprendizado formal é um grande desafio para as instituições tradicionais de educação.

Os estudantes foram perguntados se existe constrangimento ou incômodo quanto a proibição do uso do *smartphone* em sala de aula, a maioria 60,89% disse não se incomodar. Já aqueles que responderam sim, 39,13%, deviam dizer por que se incomodam.⁶ As justificativas estão relacionadas a acreditar que o *smartphone* é uma distração quando não há atividade de aula, ou quando “terminou a matéria”; porque recebem ligações importantes; porque não existem apenas usos de distração, mas pode ajudar a traduzir um texto em inglês ou porque o uso não atrapalha o raciocínio do colega. Existem ainda os que afirmam apenas que às vezes é preciso usar ou ver algum vídeo.

Ramos (2012) aponta que as tecnologias levadas para a escola pelos estudantes, não são potencialmente aproveitadas para aulas mais produtivas e que conduzam a melhores reflexões sobre os assuntos abordados nas disciplinas. Os estudantes interlocutores de sua pesquisa numa escola pública na cidade de Londrina informaram que é comum a prática de troca de mensagens durante as provas com resultados das questões.

O autor pôde ainda observar que alguns estudantes que utilizam touca em sala de aula, colocam fones de ouvidos e se mantêm sem atenção na exposição dos conteúdos. Ele então aponta que essas tecnologias não estão sendo utilizadas em favor da educação pela equipe pedagógica.

A opinião dos docentes entrevistados

Na terceira etapa da pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas com dois professores que ministram as aulas onde sucederam as observações. Em cada entrevista com média de 30 minutos, foi possível obter a opinião dos docentes sobre o uso do *smartphone* em sala de aula, de como compreendem a partir da posição de educadores esse

⁶ 60,89% correspondem a 14 estudantes; 39,13% a 9 estudantes. Fonte: Dados questionário aplicado em Jul. 2015.

objeto de consumo na rotina dos estudantes e quais suas opiniões quanto às proibições e inserções do *smartphone* nas aulas.

O professor Silva, afirma procurar constituir um acordo com os estudantes, pra relação ser mais flexível:

Se o professor estabelecer a regras, ele vai poder usar, só que neste horário ou naquele horário. Fora isso, vai muito dessa troca né? De o professor estabelecer e fazer um acordo. Então, eu não tenho muito problema em sala de aula com o celular. É certo que tem sempre um ou outro que sempre insiste (...). Inclusive, eu até uso o celular pra fazer pesquisa em sala de aula, fazer gráficos. Então eu sou a favor do uso do celular, mas eu sou a favor que tenha um acordo antes. É um o outro que fica insistindo, ai peço pra guardar e minha primeira providência é deixar em cima da minha mesa. Eu falo que eu dou as opções pra ele né? A opção de ele ficar com celular na sala, ou deixar na minha mesa e pegar no final da aula ou ele ser encaminhado pra coordenação e o procedimento vai ser tomado pelo coordenador. É nesses momentos que atrapalha, quando eles quebram o acordo⁷.

Ele ainda afirma que o governo deveria investir em formação continuada dos professores:

Eu acho que os professores não estão preparados pra isso. Eu tenho uma formação recente, a minha formação também não foi pra isso. Minha formação eu aprendi a usar o data show, é a tecnologia que eu aprendi usar, né? Usar data show, a fazer gráfico no computador, mas, por exemplo, lá na universidade eu não aprendi a ensinar matemática através do *smartphone*. Ente deu? Tem várias questões. Eu acho que o governo devia investir em formação continuada dos professores. Por exemplo, a professora de português pode usar o celular pra usar o dicionário em sala de aula. A gente não ter que ficar carregando o dicionário. A mesma coisa o inglês, o espanhol, usar o tradutor do celular né? Matemática eu consigo alguns gráficos, mas é um programinha mais pesado, então ai depende muito do celular que os alunos têm. Mas a gente corre riscos deles não usarem para o objetivo da aula. A dificuldade daqui, como de qualquer outra escola, é que têm sempre dois os três que fazem e cinco seis não fazem, digo, de professores. Tem professores que proibem e permitem só o uso essencial pra aula, mas tem professor que não ta nem ai, ele usa, o aluno usa, entendeu? Eu sou a favor do uso do celular para fins pedagógicos, sou contra a proibição total. Na minha aula, a gente usa muito a calculadora e o cronômetro, por exemplo.

Conforme a fala do professor de Matemática, mudar as formas de interagir com os equipamentos que os estudantes trazem com eles, vai além da questão pedagógica da escola, está relacionada também a formação que os docentes têm acesso nas universidades.

⁷ Professor Silva, docente da disciplina de Matemática. Entrevista realizada em 13 Jul. 2015.

Logo, ele acredita que o governo deveria investir em formação continuada, para preencher essa lacuna que a formação superior ainda deixa no que tange as questões do uso de tecnologias menos tradicionais para fins pedagógicos.

O professor Souza, procura analisar e expor sua opinião sobre o consumo do *smartphone* sob aspectos distintos:

A respeito do *smartphone* eu penso que exerce um grande poder de fetichismo, de fetiche, os nossos jovens, não só jovens, os adultos, mas principalmente os nossos jovens, eles de certa forma veneram, é uma questão de status, né, possuir o *smartphone*, a questão de identidade, questão de pertencimento de grupo. Mas eu vejo que muitos jovens eles sacrificam muitas coisas pra ter essa maravilha entre aspas que o sistema capitalista e a sociedade de consumo oferecem. Mas assim, por outro lado, eu vejo que o *smartphone*, não só o *smartphone*, como outras mídias também, fazem parte da sociabilidade contemporânea, vivemos na sociedade da informação, e esses aparelhos nesse sentido oferecem múltiplas condições pra você ter conhecimento e informações⁸.

Em relação a escola e a formação dos professores, ele coloca que existe uma distância entre ambos e a realidade social que os estudantes fazem parte.

A escola é tradicional, onde os professores têm uma difusa formação universitária, intelectual, com práticas pedagógicas muitas vezes conflitantes, antagônicas. Existem no meio do professorado, professores com práticas pedagógicas divergentes. Então é difícil a escola fomentar projetos interdisciplinares, uma coesão né, com essa heterogeneidade de formação dos docentes. Há professores com formação mais tradicionalista, mais conservadores, há professores com formação mais progressistas, mais abertos às questões desse novo tempo, mais atuais. A questão do uso do *smartphone* na escola, muitas vezes fica inviabilizada por esse *ethos* que predomina na escola. A escola ainda é muito tradicionalista, conservadora, e por isso ela é muito refratária ao novo. Então acaba gerando conflitos entre professores e os educandos. Mas eu creio que muito desse conflito existe, porque não se encontrou um meio pra assimilar essa tecnologia pra um fim realmente pedagógico. Ai o educando quando não tem esse direcionamento, desse recurso para um fim pedagógico, ele acaba usando esses aparelhos, no caso o *smartphone*, de uma forma inapropriada, que não se encaixa ao que o professor propõe como atividade⁹.

O docente da disciplina de Sociologia tem conhecimento das variadas formas dos estudantes utilizarem o *smartphone* sem que sejam advertidos.

⁸ Professor Souza, docente da disciplina de Sociologia. Entrevista realizada em 08 de Jul. de 2015.

⁹ Professor Souza, docente da disciplina de Sociologia. Entrevista realizada em 08 de Jul. de 2015.

Eu fico assim num dilema né, a minha postura em relação ao uso dessas mídias, no caso do celular *smartphone*. As estratégias pra acessar o *smartphone* são inúmeras. Alguns pedem pra ir ao banheiro, mas portando de uma forma escamoteada o *smartphone*, pra lá fora ele acessar. Ou muitos camuflam dentro da mochila, ou as escondidas atrás de um colega pra acessar de uma forma que o professor não enxergue. Agora quanto a mim, embora a escola tenha feito um acordo pedagógico entre todos os docentes para evitar o uso do celular, muitas vezes eu faço vistas grossas né, não sou assim tão radical, intolerante, mas por outro lado, se não houver um projeto da escola para lidar com esses recursos, não há como.

As informações do professor Souza, confirmam as observações. Os estudantes fazem uso do *smartphone* durante as aulas, e possuem formas de utilização para evitar serem surpreendidos. Apesar do controle e proibição, ele não se dispõe integralmente a coibir o uso pelos estudantes, e que projetos que viabilizassem o uso desse recurso para atividades de aula, poderiam trazer melhoras importantes no contexto estudantes, *smartphone*, professores e sala de aula.

Segundo Ramos (2012) a escola precisa dinamizar e empregar a tecnologia que os estudantes levam para a sala de aula. Sendo então importante um trabalho conjunto entre equipe pedagógica, professores e estudantes, visando adicionar aparelhos como o celular às metodologias e conteúdos das disciplinas.

Considerações Finais

Atualmente o uso e consumo de *smartphones* está amplamente inserido no cotidiano de uma quantidade significativa de indivíduos na sociedade contemporânea. Analisar, interpretar e compreender esses acontecimentos é uma tarefa laboriosa para muitos pesquisadores, afinal, os fenômenos sociais não são fixos.

O *smartphone* no espaço da sala de aula é uma extensão do uso que os estudantes fazem dele fora da escola, e este fato é reafirmado constantemente por eles. É possível verificar uma identificação de grupo entre os estudantes pesquisados, quanto ao uso e ao consumo deste aparelho.

Tanto em termos de novas concepções de corporalidade quanto de novas práticas sociais e culturais, o consumo de telefones celulares desempenha um papel importante na construção de imaginários, de identidades e do mundo social, as quais dão conta de similaridades e especificidades locais na apropriação de uma tecnologia global. A centralidade que os telefones celulares adquiriram na vida cotidiana aponta para sua consolidação como uma forma importante de inclusão simbólica dos atores sociais em uma lógica de contemporaneidade que é fortemente marcada pela instantaneidade, pela mobilidade e pela virtualidade. Nesse sentido, possuir e usar um celular torna-se uma maneira de *estar no*

mundo – mediado pelas tecnologias de comunicação e informação – que é cada vez mais característica da cultura contemporânea (Silva, 2007, p12).

Conforme análise preliminar existe a compreensão de que o *smartphone* está altamente inserido na rotina dos estudantes através do seu consumo e uso, inclusive por parte dos docentes. Deste modo, verifica-se uma dissonância entre as apropriações que os estudantes fazem do *smartphone* em sala de aula e a escola de práticas pedagógicas tradicionais, onde ainda é possível identificar uma perspectiva de ensino voltado mais para a razão e o funcionalismo da vida. Logo a instituição educacional vai de encontro ao que Lemos (2010) explica, dizendo que a sociedade contemporânea busca o efêmero, o lúdico e o disperso ao se relacionar com as novas tecnologias.

É possível propor que essa busca por fulgacidade, diversão e múltiplicidades de direção ao usar aparelhos como *smartphone* e que pode ser mais enfática entre os adolescentes, seja um dos motivos da complexa convivência dessa tecnologia levada pelos estudantes para a sala de aula, que foi pensada e organizada para o aprendizado através da disciplina e concentração.

Enquanto legisladores sancionam leis que proíbem totalmente o uso de aparelhos tecnológicos em sala de aula exceto para fins pedagógicos, estudantes e professores diante de suas assimetrias coexistem e compartilham neste espaço as relações conflitantes e os acordos relativos ao uso do *smartphone*.

Referências bibliográficas

ABONIZIO, Juliana; FONSECA, A.G.M. F. *Notas sobre o celular: comunicação, cultura e contemporaneidade*. Vinheta, Belo Horizonte, v.1 p.1-15, 2010. Disponível em: <<http://www.fiponline.com.br/eventos/Vinheta/textos/sobre%20o%20celular.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2015.

ASSIS, Maria Paulina de. O uso das TIC'S por crianças e o impacto para a prática pedagógica: uma pedagogia para o uso das novas tecnologias na escola. In: *TIC kids online 2012*, São Paulo. Org. Comitê Gestor na Internet no Brasil, 2013, p.81-84. Disponível

em: <<http://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-kids-online-2012.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2014.

BENTO, Maria Cristina Marcelino; CAVALCANTE, Rafaela dos Santos. *Tecnologias Móveis em Educação: o uso do celular na sala de aula*. Revista de Educação, Cultura e Comunicação. Lorena, v. 4, n. 7, p.113-120, jan/jun. 2013. Disponível em: <http://issuu.com/cadic.adm/docs/eccom_v4_n7_2013>. Acesso em: 19 set. 2014.

CALLIGARIS, Contardo. A adolescência como ideal cultural. In: *A Adolescência. Publifolha*, 2000, São Paulo. Cap.4. Disponível em: <<https://chasqueweb.ufrgs.br/~slom/edu01011/calligaris-adolescencia-cap-4.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

CANCLINI, Néstor García. O consumo serve para pensar. In: _____. *Consumidores e cidadãos Conflitos multiculturais da globalização*. 5ª ed. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2005, p.59-72.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LE MOS, André. A vida social contemporânea. In: _____. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 5ª ed. Porto Alegre, Ed. Sulina, 2010, p. 61-97.

LUIZ, Gilberto Venâncio; LUIZ, Karine Kátia Iria. *Diferenças no consumo de telefone celular entre adolescentes de escolas públicas e particulares*. Revista Brasileira de Gestão e Engenharia. São Gotardo, n. 4, p.1-20, Jul/dez. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/gestaoeengenharia/article/view/80>>. Acesso em: 01 dez. 2014.

MARTIN, Livia da Silva Neiva. *Entre a apropriação e a proibição: trânsito dos dispositivos móveis em escolas públicas*. 2014. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias) - Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2014.

MATO GROSSO. Lei 10.232, de 29 de Dezembro de 2014. *Torna defeso, para fins não pedagógicos, o uso de aparelhos eletrônicos em sala de aula do ensino fundamental e médio do Estado de Mato Grosso*. Diário Oficial de Mato Grosso, Cuiabá, MT, n. 26444, p.12. 29 dez. 2014. Disponível em: <<https://www.iomat.mt.gov.br/portal>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

PAULY, Evaldo Luis; VIVIAN, Caroline Deprá. *O uso do celular como recurso pedagógico da construção de um documentário intitulado: fala sério!* Revista Digital da CVA – RICE-SU, v. 7, n. 27, 2012. Disponível em: <<http://pead.ucpel.tche.br/revistas/index.php/Colabora/article/view/195/167>>. Acesso em: 19 set. 2014.

PEREIRA, Camila Rodrigues; SILVA, Sandra Rúbia da. O consumo de smartphones entre jovens no ambiente escolar. In: *Encontro Regional Sul de História da Mídia*, 5. ALCAR Sul 2014, Florianópolis. Anais... Disponível em: <http://alcarsul2014.sites.ufsc.br/wpcontent/uploads/2014/10/gthistoriadamidiadigital_camila_pereira-1.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2015.

RAMOS, Marcio Roberto Vieira. *O uso de Tecnologias em Sala de aula*. Revista eletrônica LENPES-PIBID de Ciências Sociais. Londrina, v.1, n.2, p. 1-16, jul/dez. 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/lenpespibid/pages/arquivos/2%20Edicao/MARCIO%20RAMOS%20-%20ORIENT%20PROF%20ANGELA.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2014.

SILVA, Sandra Rúbia da. “*Eu não vivo sem celular*”: sociabilidade, consumo, corporalidade e novas práticas nas culturas urbanas. Intexto. Porto Alegre, v. 2, n. 17, p. 1-17, jul/dez 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/3457>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

SOUZA, Josefa Aparecida Silva. Uso do celular em sala de aula: otimizando práticas de leitura e estudo dos gêneros textuais. In: *Seminário Nacional de Letras e Linguística*, 14. 2013, Uberlândia. Anais... Uberlândia, v.3, n.1. ed. da UFU, 2013. Disponível em: <<http://www.ronaldomartins.pro.br/normas/como%20fazer%20referencias%20bibliograficas.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2014.

THOALDO, Deise Luci. *O Uso da Tecnologia em Sala de Aula*. Monografia (Especialização em Gestão Pedagógica) – Curso de Pós-Graduação em Gestão Pedagógica: Educação Infantil e Séries iniciais, Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <<http://tceonline.utp.br/wp-content/uploads/2012/04/O-USO-DA-TECNOLOGIA-EM-SALA-DE-AULA.pdf>>.

Acesso em: 19 set. 2014.

VENDAS de *Smartphone* no Brasil. *Teleco*. Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/smartphone.asp>>. Acesso em: 07 Ago. 2015.